URAP

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 144
JAN./MAR. 2015 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT geral@urap.pt

EDITORIAL

ESPERANÇA E CONFIANÇA

A 9 de Maio de 1945, os povos festejavam o fim da Segunda Guerra Mundial. Era o fim do horror, dos campos de concentração, das perseguições e de todas as atrocidades cometidas pelo regime nazi-fascista de Hitler. Em Portugal, em muitas terras, apesar do fascismo tudo fazer para o evitar, o povo saiu à rua para celebrar aquele acontecimento.

Setenta anos volvidos, a URAP, à imagem do que aconteceu em muitos outros países da Europa, iniciou as comemorações do fim da Segunda Guerra Mundial, entre 29 de Janeiro e 12 de Fevereiro, fazendo percorrer a Tocha da Liberdade e da Paz, da FIR – Federação Internacional de Resistentes de Norte a Sul do País.

A colaboração com várias câmaras municipais, escolas e organizações populares permitiu-nos levar a Tocha – e, consequentemente, falar sobre a Segunda Guerra Mundial – a milhares de crianças e jovens e a centenas de professores, e a diversificar iniciativas junto das populações que a acolheram com entusiasmo. Em todas essas jornadas, de que demos conhecimento diário no nosso sítio na Internet, falámos do fascismo nos tempos negros da Segunda Guerra Mundial, mas também da fome e da miséria que se vivia em Portugal.

Muitos dos jovens com quem dialogámos não tinham conhecimento concreto da vida do nosso povo antes do 25 de Abril, da repressão, das prisões e das torturas. Alertámos para a necessidade de estarmos atentos à ofensiva contra as liberdades conquistadas e contra tudo o que a Revolução dos Cravos nos trouxe. Conversámos sobre a situação actual que se vive no mundo, com novas guerras e destruição de povos e países. Sublinhámos o papel fundamental que a juventude teve na nossa Revolução e em como contávamos com o seu empenho nos dias de hoje.

Foram dias intensos os que passámos no percurso da Tocha da FIR, dias em que ao vermos o carinho com que os jovens e as populações nos receberam, com mais certeza ficámos de que o papel da URAP é cada vez mais importante na luta contra o esquecimento, nas tentativas do branqueamento do fascismo, mas também na denúncia contra o ataque às liberdades que, infelizmente, ocorrem diariamente, quer nas escolas, quer nas fábricas e outras empresas.

As grandes jornadas que vivemos no 25 de Abril e 1.º de Maio, em Portugal e noutros países, dão-nos esperança e confiança que, apesar das muitas dificuldades, um mundo melhor é possível.

Marília Villaverde Cabral



A TOCHA DIA-A-DIA

Manter sempre viva esta chama

A Tocha da FIR/Federação Internacional de Resistentes, símbolo da Paz e da Liberdade, tem vindo a percorrer toda a Europa, comemorando o fim da Segunda Guerra Mundial e, acima de tudo, transmitindo a mensagem de que é preciso não esquecer a história, para que nunca se venha a permitir que tais forças nefastas se voltem a impor.

O sucesso da sua passagem por Portugal foi indesmentível. Milhares de pessoas – crianças, jovens e menos jovens – participaram, em diversos locais do País, nestas comemorações pela paz, a liberdade e a democracia, que foi também uma forma de homenagear todas as vítimas e resistentes que participaram, directa ou indirectamente, na Segunda Guerra Mundial. Permitiu ainda uma reflexão sobre os horrores da guerra, mas sobretudo sobre os dias de hoje e os perigos que, aos poucos, se estão a afirmar.

Nas páginas que se seguem lembramos alguns dos momentos altos da passagem da Tocha por Portugal, entre 29 de Janeiro e 12 de Fevereiro, e de algumas das iniciativas realizadas nos concelhos do Porto, Aveiro, Moita, Peniche, Grândola, Loures, Vila Franca de Xira, Barreiro, Seixal, Setúbal, Palmela, Almada e Lisboa. Não se trata de uma cobertura exaustiva, mas de uma forma de preservar a memória de uma acção que chegou a milhares de pessoas e contou com alguns momentos de particular emoção.

Esta importante iniciativa da URAP e da FIR não teria atingido o impacto que inegavelmente atingiu sem o apoio generoso de autarquias, organizações sindicais, escolas, associações, colectividades e clubes, que enumeramos de seguida e às quais agradecemos: câmaras municipais de Almada, Barreiro, Loures, Seixal, Grândola, Moita, Setúbal e Peniche; União de Freguesias de Alhandra, S. João dos Montes e Calhandriz; CGTP-IN e uniões dos sindicatos do Porto, Lisboa e Setúbal; MDM, Casa do Alentejo, Voz do Operário, CPPC, Clube dos Fenianos Portuenses, Universidade Popular do Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e Cooperativa Árvore; escolas de Gondomar, Vagos, dos concelhos de Loures e de Almada; bombeiros de vários concelhos e freguesias, clubes de motards e de ciclistas, associações populares.

DIA 29 DE JANEIRO

PORTO



Foi no distrito do Porto que, no dia 29 de Janeiro, a Tocha se acendeu pela primeira vez em Portugal. Na Escola Secundária de Gondomar teve lugar uma aula especial de história para cerca de 40 alunos de duas turmas do 12.º ano. Celestina Leão, em nome da URAP, e a professora Fátima Silva, enquadraram a iniciativa e os seus objectivos. Alexandre Almeida, que aos oito anos sofre a fome e a violência policial nos tempos da «neutralidade salazarista», emocionou os presentes com o seu testemunho: «comíamos ervas»



Na Praça da Liberdade, no Porto, a Tocha acendeu-se, ao som de canções de luta e resistência nacionais e internacionais e de poemas de Armindo Rodrigues, Papiniano Carlos e Bertolt Brecht, bem declamados pela actriz Inês Leite. Houve ainda lugar a uma curta intervenção de Ilda Marques, da URAP



No salão do Clube dos Fenianos Portuenses decorreu a Sessão evocativa, com a participação de cerca de 70 pessoas. Na mesa, César Príncipe, Viale Moutinho e a coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral

URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

DIA 30 DE JANEIRO

AVEIRO



No distrito de Aveiro, a Tocha passou pela Escola Secundária de Vagos, onde o resistente antifascista e dirigente da URAP, José Pedro Soares, falou a cerca de 70 alunos do 9.º e do 12.º ano



DIA 31 DE JANEIRO

MOITA



No dia 31 de Janeiro, foi a vez do concelho da Moita receber a Tocha da Liberdade e da Paz. No Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, perante uma assistência de mais de 100 pessoas, muitas das quais atletas, Encarnação Raminho, da direcção da URAP, transmitiu a mensagem da Liberdade e da Paz que a tocha representa, tendo sido corroborada pelo presidente da Câmara Municipal Rui Garcia

DIA 1 DE FEVEREIRO

PENICHE



Fevereiro inciou-se com a Tocha a visitar o concelho de Peniche e, simbolicamente, a fortaleza que durante décadas serviu de prisão política do fascismo e por onde passaram milhares de antifascistas portugueses. Numa iniciativa conjunta da URAP e do município, foram inauguradas duas exposições: uma sobre os 70 anos da vitória sobre o nazi-fascismo (da autoria da URAP) e uma mostra fotográfica sobre o campo de concentração nazi, denominada “Auschwitz: o silêncio e o olhar”, da autoria de Carlos Inácio. Intervieram, na ocasião, a coordenadora da URAP e o presidente do município, António José Correia



Em Peniche, várias associações desportivas associaram-se à passagem da Tocha pelo concelho, nomeadamente Berlengas Bike Team, Associação Recreativa, Cultural e Desportiva de Ferrel, Vespas Clube do Oeste, e Trilhos D’El Rei – Serrana - Associação Desportiva, Cultural e Recreativa – Serra D’El Rei



A exposição sobre os 70 anos da Segunda Guerra Mundial, da autoria da URAP, foi inaugurada em Loures no dia 4 de Outubro. Intervieram, na ocasião, a coordenadora da URAP, o presidente da Câmara Municipal, seguindo-se a apresentação da mostra, a cargo de Susana Luís, da direcção da URAP

DIA 3 DE FEVEREIRO

GRÂNDOLA



Grândola recebeu a Tocha da paz junto ao monumento ao 25 de Abril naquela vila alentejana. De uma forma simbólica, um grupo de ciclistas transportou-a pela ruas da vila até à biblioteca municipal, onde foi inaugurada a exposição da URAP. Nesse local, dezenas de crianças, do 2.º ano, esperavam a delegação libertando dezenas de balões brancos. Olga Macedo, filha de um tarrafalista, e José Pedro Soares, preso político libertado no 25 de Abril de 1974, ambos membros da URAP, deram uma sucinta explicação sobre os painéis que compunham a exposição



Depois das palestras na Escola Secundária António Inácio da Cruz (a duas turmas do 9.º ano e a uma do 12.º) e da Universidade sénior, a delegação da URAP visitou a Ludoteca, onde tinha à sua espera meia centena de crianças. Quatro jovens músicas da Sociedade Filarmónica Fraternidade Operária Grandolense, a Música Velha, como é conhecida na vila, brindou a assistência, nas instalações da biblioteca, com solos de clarinete, saxofone e flauta



DIA 4 DE FEVEREIRO

LOURES



A Tocha percorreu ruas, praças, jardins, escolas e associações do concelho de Loures, pelas mãos de centenas de crianças e jovens. Esta marcha percorreu as 18 freguesias do concelho e foi marcada pela visita a escolas e pela participação entusiástica de professores e alunos



O presidente da Câmara, Bernardino Soares, a presidente da Assembleia Municipal, Fernanda Santos, o presidente da Junta de Freguesia de Loures, Manuel Glória, e Diamantino Torres, da URAP, acompanhados de mais de uma centena e meia de pessoas, plantaram simbolicamente uma oliveira junto ao Pavilhão Paz e Amizade



A tocha foi posteriormente transportada pelos atletas da GesLoures até aos Paços do Concelho – numa marcha acompanhada por mais de uma centena de pessoas – onde teve lugar a cerimónia de encerramento, com as intervenções do presidente da Câmara Municipal e da coordenadora da URAP, seguidas da atuação da Orquestra Ligeira dos Bombeiros Voluntários de Loures, que brindou a plateia com um excelente momento musical

DIA 5 DE FEVEREIRO
ALHANDRA



Mário Cantigas, presidente da União de Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz, e Bento Luís, da direcção da URAP, falaram de manhã, na Praça 7 de Março, às centenas de pessoas que assistiram à recepção da Tocha e à inauguração da exposição que evoca o 70.º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial. Antes, cerca de 200 crianças das escolas básicas da freguesia desenvolveram uma coreografia alusiva ao teor da comemoração, num mini-espectáculo de movimento e cor



A tarde foi preenchida com uma parada pelo centro da vila. O desfile, que era encabeçado pela Charanga Juvenil dos Bombeiros Voluntários de Alhandra, cruzou as principais artérias, com passagem simbólica pela Praça Soeiro Pereira Gomes e pela Avenida dos Esteiros. Houve ainda lugar a um concerto da Banda da Sociedade Euterpe Alhandrense

DIA 6 DE FEVEREIRO
BARREIRO



Transportada por um grupo de elementos do Moto Clube do Barreiro, a Tocha foi conduzida por várias zonas operárias do concelho, numa viagem que terminou no Largo Municipal 1.º de Maio. Aí, ao som dos bombos dos jovens elementos do grupo Batukeiros, da Escola Básica Álvaro Velho, realizou-se uma cerimónia presenciada por centenas de populares. Na ocasião, intervieram Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, Ana Porfírio, presidente da União de Freguesias Barreiro–Lavradio, e Carlos Humberto de Carvalho, presidente da Câmara Municipal do Barreiro.





Na ocasião, foi inaugurada uma exposição com trabalhos de alunos das escolas do concelho (desenhos, frases e textos) alusivos à Paz e ao fim da guerra. A encerrar as festividades da manhã, teve lugar uma actuação da Tuna da UTIB (Universidade da Terceira Idade do Barreiro). À tarde, realizou-se um debate com Feliciano David, da URAP, e Gustavo Carneiro, do CPPC, que culminou com uma sessão de poesia de alunos da UTIB

DIA 7 DE FEVEREIRO
SEIXAL



No Seixal, a Tocha percorreu as diversas freguesias do concelho, numa acção que contou com o apoio do Moto Clube do Seixal



Joaquim Santos, presidente da Câmara Municipal do Seixal, inaugurou ainda uma exposição sobre a II Guerra Mundial, concebida pela URAP em colaboração com a Câmara Municipal. A esta cerimónia assistiram, entre outras personalidades, vereadores, presidentes de diversas Juntas de Freguesia, representantes do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC), do Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e da União dos Sindicatos de Setúbal, além de elementos da URAP. As comemorações do Seixal concluíram-se à noite com a projecção, no Fórum Cultural, da primeira parte do filme 1900

DIA 9 DE FEVEREIRO
SETÚBAL E PALMELA



A Tocha da Paz da FIR acendeu-se de manhã cedo em Setúbal ao som da Internacional e dirigiu-se depois para Palmela, visitando nos dois concelhos diversas fábricas e escolas. A tocha foi transportada num carro do SITE-Sul/CGTP-IN, de onde partiam canções da resistência.



Muitos trabalhadores receberam a Tocha da Liberdade no estaleiro naval da Lisnave, localizado na Mitrena, perto de Setúbal, e na empresa Autoeuropa, em Palmela



A Tocha da Paz, transportada por elementos da associação de atletismo Lebres do Sado, percorreu as Escolas Básicas e/ou Secundárias Lima de Freitas, Ordem de Sant'Iago, Luísa Todi, Barbosa do Bocage e Sebastião da Gama, de Setúbal, e a escola Secundária de Palmela



Na Praça Bocage, junto à Câmara Municipal de Setúbal, a comitiva procedeu a uma emocionante largada de pombas, após os discursos de Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, Luís Leitão, coordenador da União dos Sindicatos de Setúbal (USS), e Maria das Dores Meira, presidente do município

DIA 10 DE FEVEREIRO

ALMADA

A Tocha da Paz percorreu as 11 freguesias do Concelho de Almada, depois de ser recebida em frente aos Paços do Concelho.Na ocasião, discursaram Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, e Joaquim Judas, presidente da Câmara Municipal de Almada. A encerrar as cerimónias da manhã, assistiu-se a uma curta actuação do Coro dos SMAS





À noite, realizou-se no Auditório Fernando Lopes-Graça, do Fórum Romeu Correia, um magnífico espectáculo de canções de Bertolt Brecht, com Teresa Gafeira e Luís Madureira, acompanhados ao piano por Francisco Sasseti. Foi lido o Manifesto pela Paz, ao qual se associaram as várias entidades do concelho, e intervieram ainda a coordenadora da URAP e o presidente da Câmara

DIA 12 DE FEVEREIRO

LISBOA



Ao princípio da manhã, a passagem simbólica da Tocha entre Almada e Lisboa realizou-se no Rossio, assegurada por um grupo de bombeiros e oito crianças, que a entregaram a jovens alunos da Voz do Operário, que a esperavam integrados num grupo de elementos da URAP, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, do Movimento Democrático de Mulheres, das uniões de sindicatos de Lisboa e de Setúbal, da Casa do Alentejo, da Voz do Operário e da Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa



A Tocha passou, em seguida, pelas escolas básica e secundária Gil Vicente (à Graça) e Voz do Operário. Depois das intervenções do director do agrupamento de Escolas Gil Vicente, João Cortes, e de Feliciano David, em nome da URAP, cerca de 300 alunos e professores deslocaram-se à «vizinha» Voz do Operário, onde procederam à entrega da Tocha a um grupo de alunos do ensino básico desta escola, seguindo-se duas mensagens de boas-vindas por parte de uma professora e do representante da URAP. As crianças da Voz do Operário lançaram, na ocasião, centenas de balões brancos com mensagens de paz. Na Escola Gil Vicente, a Tocha foi entregue a um membro da Associação de Estudantes



No Rossio, Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, lembrou que «a 9 de Maio de 1945, o povo de Lisboa encheu aquela praça com uma imensa alegria e uma grande esperança», lembrando a importância de defender a paz e a liberdade como condições essenciais para o progresso e a justiça social. Actuou ainda, na ocasião, o grupo coral feminino *Cantadeiras da Alma Alentejana*



Antes, centenas de pessoas tinham marchado desde o Marquês de Pombal ao som de palavras de ordem e cânticos e hinos de resistência e luta como Le chant des partisans, A long way to Tipperary, Katiuschka, Si me quieres escribir, Los cuatro generales, Lili Marleen, e três canções heróicas de Fernando Lopes-Graça, Acordai, Jornada e Mãe Pobre

Intervenção de **Marília Villaverde Cabral,** coordenadora da URAP, em Lisboa, no encerramento da passagem da Tocha por Portugal, no dia 12 de Fevereiro

HOJE E SEMPRE, LUTAR PELA LIBERDADE E A PAZ

Em nome da Comissão Organizadora desta jornada, da URAP/ União de Resistentes Antifascistas, do Movimento Democrático de Mulheres, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, da Associação de Colectividades de Lisboa, da Casa do Alentejo, da Voz do Operário e da União dos Sindicatos de Lisboa/CGTP IN, agradeço a todos a vossa presença.

A 9 de Maio de 1945, há 70 anos, o povo de Lisboa encheu esta Praça do Rossio com uma imensa alegria e uma grande esperança. Traziam bandeiras dos países aliados, e como não podiam trazer as bandeiras da União Soviética, traziam paus vermelhos para que não fosse esquecido o papel da União Soviética nesta vitória sobre o nazi-fascismo. A guerra tinha terminado. O Exército Vermelho tinha tomado o Reichstag, em Berlim, e de 8 para 9 de Maio, a Alemanha tinha assinado a Acta da Capitulação. Do ponto mais alto do Reichstag, um soldado soviético colocou a bandeira com a foice e o martelo, fotografia que todo o Mundo reconhece.

Em Berlim, num Congresso da FIR/Federação Internacional de Resistentes, a URAP teve a oportunidade de ver um monumento em pedra, com o nome gravado de todos os soldados soviéticos que libertaram Berlim. Os democratas e antifascistas alemães não esquecem a dívida de gratidão para com aqueles soldados.

A URAP, nestas comemorações, teve a honra de receber a Tocha da FIR, símbolo da paz e da liberdade. Em Portugal, passou já pelo Porto, por Aveiro, pela Moita, por Peniche, por Grândola, por Loures, por Alhandra, pelo Barreiro, Seixal, Setúbal, Palmela e Almada e, embora as comemorações do fim da guerra não terminem já, a Tocha da FIR encerra aqui, em Lisboa, o seu percurso. Mas nestas comemorações, a Tocha percorreu também vários países: a Bulgária, a Macedónia, a Hungria, a Itália, o Vaticano (onde foi abençoada pelo Papa Francisco), Israel, Áustria, a República Checa, a Grécia, agora em Portugal e, depois, Espanha.

PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA

Estas comemorações são, sem dúvida, um contributo para que não se esqueça o período mais negro da História da Humanidade: os mais de 50 milhões de mortos, todo o sofrimento e horror por que passaram todos aqueles homens, mulheres e crianças nos campos de concentração nazis, de Auschwitz, de Maidanek, de Treblinka, de Dachau, de Mauthausen e de Buchenwald, as torturas, as câmaras de gás, as humilhações, as experiências chamadas «médicas», que a barbárie nazi-fascista infligiu aos prisioneiros.

Mas comemorar a vitória sobre o fascismo é também homenagear a resistência heróica dos que se bateram desde os primeiros dias da ocupação nazi até à expulsão e derrota dos invasores, como o povo francês, com os

seus *maquis*, os seus *partisans*; o povo jugoslavo que chegou a organizar um exército de civis com mais de 300 mil homens; o mártir povo soviético que resistiu heroicamente até à vitória.

Por toda a Europa, os povos resistiram, em contraste com a atitude capitulacionista da grande maioria dos círculos governantes representativos da grande burguesia, como é o caso da França, cujo governo se rendeu e se instalou em Vichy, deixando a Alemanha ocupar Paris e a parte Norte do país. Honra seja feita a De Gaulle, que apelou aos franceses para a resistência ao ocupante nazi.

FALSA NEUTRALIDADE

Em Portugal, a neutralidade de Salazar não é verdadeira: desde sempre apoiou os fascistas. Desde o início da Guerra Civil de Espanha – que de certa forma foi um ensaio para a Guerra Mundial –, enquanto a aviação militar da Alemanha e de Itália bombardeava populações indefesas, como em Guernica, Salazar enviava a Franco mantimentos, como aliás o fez durante a guerra, enviando-os também para a Alemanha, enquanto o povo português vivia a fome mais negra, o racionamento, as longas bichas de espera para adquirir, por vezes, um pouco de pão.

Já em 1939, enquanto proclamava a neutralidade e reafirmava a aliança com a Inglaterra, são conhecidos os contactos com os nazis, para o envio de toneladas de volfrâmio, e Lisboa era um verdadeiro centro de espionagem ao serviço de Hitler. Entretanto, a partir de 1941 rebentam, por várias zonas do País, importantes lutas de massas, contra o racionamento de produtos de maior necessidade e contra o congelamento de salários. As greves e as marchas da fome assustaram Salazar, que logo atirou para as prisões e para o campo de concentração do Tarrafal, inaugurado em 1936, dirigentes comunistas e outros democratas. Mas as greves, as marchas dos trabalhadores dessa época, ficaram marcadas e permanecem nos corações dos democratas e antifascistas, como uma dívida de gratidão para com aqueles que souberam resistir.

Salazar não queria salvar o povo e o País da guerra. Salazar queria salvar o seu regime fascista.

O desfecho da Segunda Guerra Mundial, preparada e desencadeada pelas forças da reacção imperialista internacional, traduziu-se, contudo, pela luta dos povos, em importantes mudanças no sentido da liberdade, da independência nacional e do progresso social. O povo português, tal como hoje aqui, comemorou em festa a derrota do fascismo e com alguma esperança que o regime fascista português não se aguentasse. Mas em vez disso, Salazar sobreviveu com o apoio das democracias ocidentais. Sendo, inclusive, o governo português convidado a participar, desde a primeira hora, no Pacto do Atlântico, em 1949. Mas o Tarrafal vai continuar até 1954, até ser reaberto em 1961 para os patriotas africanos. E, até ao 25 de 1974, vão continuar Aljube, Caxias e Peniche, bem como as criminosas guerras coloniais.



TEMPOS DE RESISTIR E AVANÇAR

Setenta anos depois, quando se pensava que tal horror não se viria a repetir, vemos o Mundo mergulhado em guerras, no caos, na instabilidade, embora com características diferentes. Acontecimentos recentes mostram-nos que não podemos abrandar na luta pela paz: na Ucrânia, no Afeganistão, no Iraque, na Síria, na Palestina, os povos sofrem, de novo, guerras que lhes são impostas e o Ocidente rodeia-se de barricadas contra o terrorismo. Ao assistirmos a todas estas situações, é impossível não nos vir à memória as ajudas da NATO e dos Estados Unidos da América – milhões de dólares e armamentos – aos bandos que operavam na Síria contra o governo de Damasco e que, afinal, parecem ser os mesmos que agora dizem querer combater.

Ao comemorarmos o fim da II Guerra Mundial, não seria justo não lembrar, com indignação, as bombas atómicas lançadas pelos EUA sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui a 6 e a 9 de Agosto de 1945, contra populações civis, que nenhuma consideração de ordem militar podia justificar. Tanto mais quanto a perspectiva da derrota dos militaristas japoneses estava assegurada. Todos os anos, nestas datas, democratas e antifascistas de todo o Mundo lembram estes dias, como um combate contra o esquecimento e para que nunca mais possa acontecer.

Hoje, como perante os negros tempos do nazi-fascismo, por intransponíveis que possam parecer as dificuldades, os exemplos do passado mostram que, mesmo que leve tempo, o futuro pertence não aos que oprimem e exploram, mas aos que resistem e lutam em prol da emancipação da Humanidade.



PORTUGAL E OS 70 ANOS DA VITÓRIA



A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi o culminar de uma profunda crise do capitalismo, tendo sido ao serviço do grande capital financeiro alemão que o partido nazi implantou a sua ditadura terrorista. Mas foi a vasta aliança antifascista construída durante a guerra que teve a força indispensável para quebrar a máquina de guerra nazi. Esta aliança teve expressão nas estruturas unitárias antifascistas que nos vários países deram uma contribuição preciosa à vitória.

Para assinalar a vitória dos aliados contra a Alemanha hitleriana, a URAP e outras organizações europeias membros da FIR/Federação Internacional de Resistentes estão a comemorar até Maio o fim da Segunda Guerra Mundial. Para além das iniciativas realizadas em torno da presença, no País, da Tocha da Liberdade e da Paz, a URAP está a promover uma exposição composta por 11 painéis, intitulada «70.º Aniversário do Fim da II Guerra Mundial e da Vitória sobre o nazi-fascismo», que pode ser solicitada junto da sede nacional.

DA GUERRA DE RAPINA À ALIANÇA ANTIFASCISTA

Em 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polónia, desencadeando a Segunda Guerra Mundial. Passadas três semanas, a Alemanha dominava a Polónia. A França e a Inglaterra, que tinham um tratado de aliança com a Polónia, declararam guerra à Alemanha dois dias depois. Mas os exércitos francês e inglês não tiveram qualquer acção militar contra as forças alemãs até 1940.

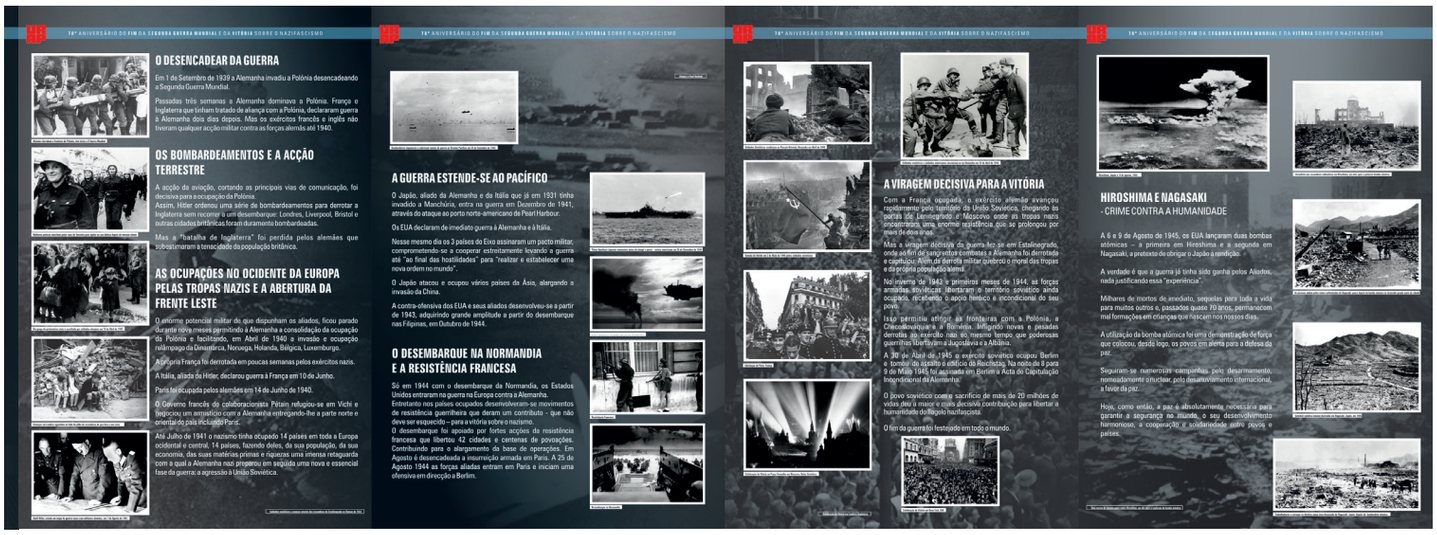
Hitler ordenou uma série de bombardeamentos para derrotar a Inglaterra sem recorrer a um desembarque: Londres, Liverpool, Bristol e outras cidades britânicas foram duramente bombardeadas. Mas a Batalha de Inglaterra foi perdida pelos alemães, que subestimaram a tenacidade da população britânica. Paris foi ocupada pelos alemães em 14 de Junho, mas o governo francês do colaboracionista Pétain refugiou-se em Vichy e negociou um armistício com a Alemanha, entregando-lhe a parte norte e oriental do país, incluindo Paris.

Até Julho de 1941, o nazismo tinha ocupado 14 países em toda a Europa ocidental e central e preparou-se para outra fase da guerra: a entrada na União Soviética. As tropas nazis chegaram às portas de Leninegrado e Moscovo, onde encontraram uma enorme resistência, que se prolongou por mais de dois anos: foram derrotadas em Stalinegrado e, no Inverno de 1943 e primeiros meses de 1944, as forças armadas soviéticas libertaram o território soviético ainda ocupado, atingiram as fronteiras com a Polónia, a Checoslováquia e a Roménia, enquanto poderosas guerrilhas libertavam a Jugoslávia e a Albânia.

O Japão, aliado da Alemanha e da Itália, que já em 1931 tinha invadido a Manchúria, entra na guerra em Dezembro de 1941, através do ataque ao porto norte-americano de Pearl Harbour, levando os EUA a declarar de imediato guerra à Alemanha e à Itália. Mas só em 1944, com o desembarque da Normandia, os Estados Unidos entraram na guerra na Europa contra a Alemanha.

NEUTRALIDADE SÓ EM PALAVRAS

Nos países ocupados, os movimentos de resistência deram um valioso contributo para a vitória sobre o nazismo. Devemos lembrar também um herói português, Aristides



de Sousa Mendes, Cônsul de Portugal em Bordéus, que no ano da invasão da França pela Alemanha nazi desafiou ordens expressas do ditador Salazar, que acumulava a função de ministro dos Negócios Estrangeiros, e durante cinco dias concedeu milhares vistos de entrada em Portugal a refugiados, sobretudo judeus, de várias nacionalidades que desejavam fugir de França em 1940, salvando-lhes assim a vida.

A 30 de Abril de 1945, o exército soviético ocupou Berlim e tomou de assalto o edifício do Reichstag, símbolo do poder nazi. Na noite de 8 para 9 de Maio 1945 foi assinada em Berlim a Acta de Capitulação Incondicional da Alemanha. O fim da guerra foi festejado em todo o mundo.

A 6 e 9 de Agosto, os EUA lançaram duas bombas atómicas, a primeira em Hiroxima e a segunda em Nagasáqui, a pretexto de obrigar o Japão à rendição. A utilização da bomba atómica foi uma cruel demonstração de força no quadro da Guerra Fria que então já se iniciava e provocou milhares de mortos de imediato, sequelas para toda a vida em milhares de pessoas e, passados quase 70 anos, permanecem mal formações à nascença em crianças.

Em Portugal, já antes e durante o período em que decorreu a Segunda Guerra Mundial, existiu uma ditadura que durou 48 anos (28 de Maio de 1926 ao 25 de Abril de 1974). Oficialmente, Salazar declarou-se «neutral» face ao conflito militar que devastava a Europa, mas o ditador deu, de facto, um grande apoio material à Alemanha nazi – em equipamentos, fornecimento de volfrâmio e alimentos –, enquanto a fome crescia em Portugal e levava ao racionamento de produtos alimentares, incluindo o pão.

RESISTIR E VENCER

Entre 1939 e 1945, morreram mais de 50 milhões de seres humanos, incluindo militares e civis. Entre os soviéticos, os números ascenderam aos 20 milhões de pessoas, justamente a população mais fustigada com o ataque criminoso do exército nazi. No entanto, nos campos de batalha, nos países ocupados pelos estados nazi-fascistas, nas resistências alemã, italiana e japonesa a esses regimes, nas prisões e campos de concentração e extermínio desses estados existiram sempre homens e mulheres que, mesmo nas horas mais difíceis e quando parecia impossível essa resistência, recusaram a barbárie e lutaram pela libertação dos povos do nazi-fascismo.



Em Lisboa a multidão desfraldou as bandeiras dos EU, França e Inglaterra e levantou paus de bandeiras numa alusão à bandeira da União Soviética

COMBOIO DOS 1000 EM MAIO

PORTUGAL PRESENTE

À semelhança do que sucedeu em 2012, realiza-se em Maio o «Comboio dos 1000», que uma vez mais levará jovens europeus ao campo de concentração de Auschwitz/Birkenau, na Polónia. Este é um projecto de dimensão internacional que congrega jovens de países como a Bélgica, França, Luxemburgo, Alemanha, Hungria, Croácia, Itália, Estónia, Eslovénia, Sérvia, Rússia e Portugal.

É já no próximo dia 5 de Maio que os jovens estudantes, dirigentes das organizações envolvidas e veteranos da Segunda Guerra Mundial, partem de Bruxelas, Luxemburgo, Frankfurt ou Praga para realizar a visita de cinco dias campos de morte da Alemanha nazi e assistir às diversas actividades culturais que compõem o programa.

Com esta viagem pretende-se assinalar o 70.º aniversário da vitória das forças democráticas sobre o nazi-fascismo, na presença de sobreviventes do campo de concentração. No dia 8 de Maio, data da capitulação alemã, a delegação estará simbolicamente no campo de concentração de Birkenau.

A delegação portuguesa, composta por cerca de 20 jovens – nomeadamente estudantes dos ensinos secundário e superior –, vai ser acompanhada pelos membros da direcção da URAP José Pedro Soares (ex-preso político do regime fascista) e Jorge Cabral, e ainda por alguns professores.

Esta viagem é sobre a memória e o compromisso com a História. É uma visita a locais históricos, mas também de aprofundamento da consciência democrática, dos valores dos direitos humanos e de interacção entre jovens de diferentes países da Europa. O «Comboio dos 1000» é organizado pela Federação Internacional de Resistentes (FIR), na qual a URAP é filiada, e conta com a colaboração do Instituto dos Veteranos (INIG), da Bélgica, e da Fundação Auschwitz, e com o apoio da Comissão Europeia.







ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP

Esta edição do boletim da URAP é dedicada aos 70 anos da vitória dos povos sobre o nazi-fascismo e, particularmente, à passagem pelo nosso País da Tocha da Liberdade e da Paz. Outros acontecimentos, como a importante Assembleia-geral da URAP, realizada em Lisboa a 28 de Março, e as comemorações da Revolução de Abril serão abordados o na próxima edição.